

Interfaces entre Ciência da Lógica e O Capital

Interface Between Logic of Science and Capital

JOÃO WOHLFART¹

Resumo: O artigo que segue tenta formular algumas interfaces entre a *Ciência da Lógica*, de Hegel, e o *Capital*, de Karl Marx. Dentre as formas metodológicas de convergências e de divergências, será desenvolvida a postura que sustenta a complementação entre as duas obras, na perspectiva do esclarecimento recíproco. O foco da interface será entre a Lógica do conceito, terceiro livro da *Ciência da Lógica*, e o segundo livro de o *Capital*, que trata da circulação do capital. O viés específico de abordagem é a teoria silogística que os dois filósofos desenvolvem, particularmente pelo caminho do silogismo da necessidade que representa o desenvolvimento silogístico completo. A radical divergência entre os dois está entre a Lógica do conceito, forma lógica da liberdade e da *Filosofia do Espírito*, e a absolutividade do capital, na radical ruptura entre a subjetividade e a estrutura do capital. A significativa interface entre a *Ciência da Lógica* e o *Capital* reside na estrutura e no movimento silogístico nos quais a universalidade, a particularidade e a singularidade, a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* constituem estruturas de mediação silogísticas. Da mesma forma, sustentamos que as modalidades do capital financeiro, do capital industrial e do capital mercantil são metodicamente estruturadas em movimentos silogísticos. O método de abordagem do artigo será bibliográfico, principalmente conduzido pela introdução de textos das duas obras com os respectivos comentários. A estrutura do artigo consta de uma consideração metodológica inicial, segue com a formulação de raciocínios silogísticos inspirados na Lógica do conceito e que envolvem a *Ciência da Lógica* e o *Capital*. A abordagem conclui com uma consideração acerca das radicais antinomias e divergências entre as obras.

Palavras-chave: Capital. Conceito. Hegel. Marx. Silogismo

Abstract: The following article tries to make a number of interfaces between the Science of Logic, Hegel, and the Capital of Karl Marx. Among the methodological forms of convergences and divergences, the position will be developed that supports the complementation between the two works, in mutual perspective. The focus will be the interface between the concept of logic, the third book of the

¹ Professor Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Faculdade de Administração da Associação Brasileira de Educação (FABE). E-mail: joao@fabemarau.edu.br.

Science of Logic, and the second book of the Capital, which deals with capital circulation. The specific bias approach is the syllogistic theory that the two philosophers develop, particularly the way the syllogism of necessity that is full syllogistic development. The radical difference is between the concept of logic, logical way of freedom and Philosophy of Spirit, and absolutidade of capital, the radical break between subjectivity and capital structure. The significant interface between the Science of Logic and the Capital lies in the structure and syllogistic movement in which universality, particularity and singularity, the Science of Logic, the Philosophy of Nature and Philosophy of the Spirit are syllogistic mediation structures. Similarly, we maintain that the modalities of the financial capital, industrial capital and commercial capital are methodically structured syllogistic movements. The article approach method is based upon literature, mainly driven by the introduction of texts of two works with their comments. The structure of the article consists of an initial methodological consideration, following the formulation of syllogistic reasoning inspired by the concept of logic and involving the Science of Logic and the Capital. The approach concludes with a consideration of the radical antinomies and discrepancies between the works.

Keywords: Capital. Concept. Hegel. Marx. Syllogism

INTRODUÇÃO

O objeto do artigo é estabelecer um parâmetro comparativo entre a *Ciência da Lógica*, de Hegel, e o *Capital*, de Karl Marx. É evidente que não será possível desenvolver esta questão em toda a sua abrangência, porque se trata de duas obras muito complexas. Mas o desafio será enfrentado porque ainda não há estudos comparativos amplos e integradores entre estas duas obras, porque para os hegelianos pode resultar mais proveitoso estudar o próprio Hegel, e para os marxistas estudar Marx eles necessitam conhecer o próprio Hegel. Mas a *Ciência da Lógica* e o *Capital* constam entre as obras mais complexas e difíceis de toda a História da Filosofia, integram a tradição dialética do pensamento, razão pela qual elas precisam ser confrontadas. Este exercício permite uma melhor compreensão de uma e de outra, e uma pode ser compreendida a partir da outra.

Entre as duas obras há profundas divergências e profundas convergências. As comparações metodológicas tornam o empreendimento mais relevante do ponto de vista filosófico. Diante da questão posta, não é possível estabelecer uma convergência exata, no sentido de que as estruturas categorias da Lógica do ser, da Lógica da essência e da Lógica do conceito tenham correspondentes exatos em o *Capital*. Mas o que aproxima as duas obras são alguns elementos fundamentais da filosofia

dialética, tais como o desenvolvimento intrínseco do conteúdo cujo processo começa pelas determinações mais simples e abstratas em direção às configurações mais universais e complexas, a ênfase nas oposições, na contradição e no movimento de desenvolvimento qualitativo. Há também divergências profundas, tais como a ênfase por parte de Hegel na construção de uma Lógica da liberdade, e por parte de Marx na lógica de desenvolvimento do capital e da exploração do homem. Há, em Hegel, um progressivo movimento lógico-sistemático e histórico de conquista da liberdade; e há, em Marx, um progressivo esvaziamento da liberdade. E numa comparação geral, Hegel enfatiza a noção sistemática que privilegia a Lógica do conceito, enquanto a filosofia marxiana tem uma maior incidência na Lógica da essência.

O artigo que segue concentra-se na aproximação entre a *Ciência da Lógica* e o *Capital* pelo viés da teoria do silogismo que encontramos, respectivamente, no terceiro livro da *Ciência da Lógica* e no segundo livro de o *Capital*, precisamente onde Marx expõe a estrutura lógica da circulação do capital. A abordagem se restringe à sistemática do desenvolvimento silogístico completo, sem entrar nas formas mais imediatas do ser-aí e da reflexão. Sustentamos que o conceito de universalidade é equivalente ao capital dinheiro, o conceito de particularidade é equivalente ao capital produtivo industrial e o conceito de singularidade é equivalente ao capital mercantil. Porém, como em Hegel, sustentamos que no desenvolvimento silogístico cada modalidade do capital circula entre as três funções conceituais. Nesta argumentação, a proximidade metodológica entre Hegel e Marx é confirmada pelo radical distanciamento entre os dois filósofos alemães que se concentram, respectivamente, entre a estrutura da Sociedade e da História, e a estrutura do capital.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS PRELIMINARES

Ciência da Lógica e o *Capital* se distanciam e se aproximam pelas funções básicas inscritas nelas, pelas disciplinas filosóficas que as estruturam. Numa primeira aproximação, as duas obras compreendem em sua arquitetura filosófica uma Lógica. A obra hegeliana é uma Lógica porque ela evidencia a estrutura e o movimento de estruturação da própria razão,

um sistema categorial racionalmente articulado em relações categoriais, intercategoriais, regionais e inter-regionais, num movimento de progressão que se estende desde as determinações categoriais mais simples e imediatas até as determinações mais complexas. A obra marxiana também é uma Lógica porque articula racionalmente os conceitos que explicitam a lógica, o movimento e a estrutura do próprio capital. A articulação interna da obra, a estrutura de categorialidade e intercategorialidade, a distribuição dos capítulos e dos livros é um componente tipicamente lógico. As duas obras podem ser consideradas como uma *Metafísica*, na medida em que a *Ciência da Lógica* caracteriza o pensamento no ato de seu pensar e no sistema de racionalidade resultante deste movimento do pensar. O *Capital* também é uma *Metafísica* na medida em que considera o capital no seu movimento de autoestruturação, a estrutura de racionalidade que advém do exercício de pensar o real. A *Ciência da Lógica* é uma Teologia especulativa porque trata do Absoluto, da pensabilidade do Absoluto e da estrutura racional do Absoluto implícita ao pensar e nas mais variadas fases de seu autodesenvolvimento. O *Capital* também é uma Teologia especulativa na medida em que também trata do Absoluto, como uma espécie de Teologia negativa, pois o capital induz a uma espécie de religiosidade focada no fetichismo da mercadoria. As duas obras podem ser consideradas como uma Ontologia, pois a *Ciência da Lógica* ultrapassa a esfera de pura racionalidade e avança para a condição de racionalidade imanente do real, na medida em que o real em sua totalidade aparece como inteligibilidade concreta e na estrutura relacional que interliga as várias determinações do real. O *Capital* também é uma Ontologia porque trata do sistema do capital como uma realidade em movimento.

Conforme anunciamos na introdução, entre a *Ciência da Lógica* e o *Capital* não há como estabelecer um paralelo rigoroso segundo o qual na obra de Marx haveria estruturas racionais correspondentes à Lógica do ser, à Lógica da essência e à Lógica do conceito. Entre os livros da *Ciência da Lógica* e os livros de o *Capital* há diferenças metodológicas significativas e formas argumentativas que as diferenciam metodologicamente. Quando o mesmo argumento é exposto pelo viés das semelhanças, as duas obras seguem uma tríade dialética expressa nos livros da *Produção do Capital*, da *Circulação do Capital* e do *Processo global de produção capitalista*, de

modo que articula os traços gerais da estrutura e do movimento dialético que Hegel esboça na *Ciência da Lógica*. Assim, para estabelecer uma comparação mínima, as determinações primeiras e imediatas de o *Capital*, a circulação simples de mercadorias, a teoria do valor de uso e do valor de troca têm uma comparação direta com a Lógica do ser. Neste universo temático, Marx considera as mercadorias genericamente, abstraídas de sua especificidade material e fora das múltiplas relações que elas estabelecem entre si. O amontoado de mercadorias referido por Marx no começo da obra como uma forma de encobrimento das relações sociais caracteriza uma evidente apropriação marxiana das categorias abstratas do ser da Lógica hegeliana. E um objeto material na condição de mercadoria caracteriza o revestimento de uma generalidade abstrata porque o seu valor não é intrinsecamente dado pela qualidade do objeto, mas o valor dos objetos é resultado de uma cadeia produtiva.

No livro da *Produção do Capital*, de forma mais clara e explícita, Marx faz uso do livro da *Lógica da essência* e o desdobra na perspectiva da produção do capital. Na consubstancialidade com a *Lógica da essência*, Marx explicita racionalmente o mundo invisível e subterrâneo onde o capital é efetivamente produzido. Em palavras mais simples, não sabemos a origem de um produto que compramos e não temos conhecimento acerca do seu processo de produção. No universo subterrâneo e invisível do processo industrial, Marx expõe as fases do modelo capitalista de produção distribuídos na cooperação, na manufatura e na maquinaria. A lógica interna deste processo caracteriza-se pela passagem do trabalho coletivo de trabalhadores para elaborar um mesmo objeto, para a organização linear da manufatura na qual o processo é sistemático e global, enquanto os trabalhadores exercem uma pequena função dentro do conjunto de movimentos e de habilidades necessárias para a constituição de uma mercadoria. Do ponto de vista filosófico, totaliza-se o processo de constituição da mercadoria, enquanto as singularidades são cada vez mais fragmentadas e especializadas. Com o advento da civilização industrial, a maquinaria substitui a mão de obra do trabalhador, o que o transforma numa peça adicional da máquina que o coisifica. A lógica do capital, para ser viabilizada, ela incide sobre a subjetividade do trabalhador no processo de coisificação. A correlação da produção do capital com a *Lógica da*

essência se dá, particularmente, em função da necessidade do aparecer da essência, pois a substancialidade do capital deve voltar à superfície e circular no consumo. Neste ponto, a coextensividade de Hegel e Marx inspira-se na dialética da essência e da aparência como dois polos integrados na lógica da produção e do consumo, um determinando o outro e a partir do outro. Para Manfredo A. de Oliveira:

Hegel entende a forma lógica da verdade não como ligação externa entre sujeito e predicado, mas como totalidade concreta, uma estrutura internamente diferenciada, que se movimenta entre identidade e autodiferenciação de tal modo que o sujeito só pode ser entendido como processo de autodeterminação e autodiferenciação. Neste horizonte, o juízo é um princípio ontológico e significa um momento no autodesenvolvimento da própria estrutura fundamental da realidade: não se trata apenas de uma operação de um sujeito finito, mas de um momento no processo de autoconstituição da subjetividade infinita, portanto do conceito: o juízo é ontologicamente compreendido como um momento no desenvolvimento interno do conceito, no processo de desenvolvimento da subjetividade absoluta (OLIVEIRA, 2004, p. 28).

O livro *a Circulação do Capital* apresenta uma proximidade peculiar com o livro da *Lógica do conceito*. Sem aqui aprofundar este raciocínio, que será exposto mais adiante, Hegel desenvolve a subjetividade do conceito na tridimensionalidade categorial de universalidade, particularidade e singularidade, numa exposição em que o universal se determina na singularidade e volta ao universal pela mediação da particularidade. Marx, no livro II de *o Capital* expõe a absolutividade do capital nas modalidades do capital produtivo, do capital financeiro e do capital comercial ou mercantil. A profunda similaridade estrutural destes dois livros é a estruturação de silogismos nos quais cada categoria lógica e cada modalidade do capital exerce a posição de começo, mediação e conclusão do silogismo, sendo possível começar por cada um e circular através dos outros e retornar. Para Marx, a totalidade e absolutividade do capital é inseparável das diferentes modalidades de capitais individuais, pois o absoluto se determina nas formas individuais sem dissolver-se nesta singularização. Nesta lógica, a absolutividade do capital se desdobra na intercircularidade das modalidades que se transformam umas nas outras, enquanto a circularidade global constitui a própria absolutividade do

capital. Tanto na *Ciência da Lógica* quanto em o *Capital*, cada uma das determinações assume a posição sintética de totalidade por incluir em si os outros momentos.

Uma das mais significativas divergências entre Hegel e Marx encontramos no terceiro livro de o *Capital* onde Marx expõe o processo global de produção capitalista. Aqui fica difícil dizer com que texto da *Ciência da Lógica* o terceiro livro pode estabelecer uma correspondência e uma correlação. Hegel, em todo o livro da *Lógica do conceito*, desenvolve uma lógica da liberdade que se concretiza no universo da *Filosofia do Espírito*. E a noção hegeliana de Ideia absoluta caracteriza um sistema de determinações articuladas pela força do método que se desdobra na multidimensionalidade sistemática do real, vale dizer, a Ideia filosófica se desdobra na estrutura de inter-relacionalidade dos círculos da *Lógica*, da *Natureza* e do *Espírito*. Marx, contrariamente, nos três volumes do terceiro livro de o *Capital* desenvolve a noção de capital enquanto absolutização do capital financeiro. Dissolve-se o movimento cíclico de inter-relação entre as diferentes modalidades de capital e tudo se concentra no capital financeiro que se abstrai da base material e da produção material. O dinheiro se transforma numa espécie de incondicionalidade divina autotélica em autovalorização, pulverizando a economia real e a estrutura da sociabilidade. Nesta lógica, o único equivalente de troca é o dinheiro que se troca por dinheiro, aniquilando neste círculo autotélico a subjetividade e a sociabilidade. Não há em Hegel estrutura de racionalidade semelhante.

Um estudo comparativo entre a *Ciência da Lógica* e o *Capital* deve incluir ainda outro viés. Do ponto de vista metodológico, é a dimensão estritamente sistemática. Um estudo comparativo entre Hegel e Marx, particularmente dirigido na perspectiva destas duas obras, deve perguntar acerca da estrutura do sistema filosófico dos dois filósofos. O modelo hegeliano é conhecido, pois o sistema em sua totalidade é estruturado por uma multiplicidade de círculos que constituem a totalidade, pois o processo de exposição parte da *Ciência da Lógica* que se abre para a constituição da *Filosofia da Natureza* na condição da exterioridade, que se abrem para a constituição da *Filosofia do Espírito*. São várias dimensões do pensamento e círculos do real organizados num único sistema que sucessivamente se diferencia, amplia a sua extensão e sistematicidade estrutural. Num

conhecimento filosófico sistematizado, Hegel procura integrar as várias esferas do real num único sistema em movimento, abordagem na qual estão contempladas estruturas intrafilosóficas e interfilosóficas, movimentos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade filosóficas. No modelo hegeliano, *Ciência da Lógica*, *Filosofia da Natureza* e *Filosofia do Espírito* constituem sistemas diferenciados que se inter-relacionam em vários níveis de expressão. É possível afirmar que em Hegel a razão filosófica, inscrita no sistema na denominação de Ideia filosófica, interliga e mediatiza as esferas da Natureza, da História, do Cosmos e do Absoluto num único sistema. Para Manfredo:

Assim, a realidade social, no capitalismo, é um todo orgânico em que as relações interagem de forma específica na medida em que são determinadas pelo capital, que precisamente estabelece o papel de cada uma no seio de seu processo de autovalorização. Nada fica indiferente a este processo: o capital é um incondicionado que não conhece limites transcendentais à sua expansão. Seu impulso, portanto, à dominação e à expansão decorre de sua própria essência, ou seja, é algo necessário. O problema é que o capital só se torna sujeito porque incorpora a substância trabalho, criadora de valor; de outro lado, a própria substância não se torna por si mesma sujeito, mas somente através da incorporação de um poder que lhe é estranho (OLIVEIRA, 2004, p. 85).

Bem diferente é o modelo de sistema construído por Marx. Marx formula um sistema de apenas um componente, o capital, exposto num processo de autodesenvolvimento imanente. A única realidade do capital amplia sucessivamente a estrutura de suas modalidades de capital dinheiro, de capital industrial e de capital mercantil, torna-se uma realidade absoluta ao se interiorizar como estrutura radicalmente totalizante. O diferencial sistemático desta abordagem é que a lógica do capital absorve para dentro de si o homem, a sociedade, e a natureza na absolutização de sua própria racionalidade. O homem, a sociedade e a natureza são absolutamente capitalizados e dissolvidos pela lógica do capital. A contradição é a força motriz do desenvolvimento capitalista, na medida em que o capital, para viabilizar a sua lógica interna, necessita explorar o trabalhador que o produz. Em outras palavras, a condição de autodeterminação do capital é a destruição da subjetividade do trabalhador, em cuja lógica ele é coisificado e aquele assume a condição

da absolutividade divina. Neste raciocínio, Marx representa uma antinomia radical no interior da História da Filosofia, pois esta, de Platão até Hegel, construiu um Absoluto positivo em cujo conhecimento filosófico o próprio homem se conhece filosoficamente a si mesmo.

LÓGICA DO CONCEITO E CIRCULAÇÃO DO CAPITAL

O livro da Lógica do conceito e o livro que trata da circulação do capital apresentam semelhanças lógicas e epistemológicas evidentes. É aqui que Hegel e Marx convergem sistematicamente na diferença do objeto. A Lógica do conceito é o resultado de uma radical transformação racional porque Hegel conseguiu dissolver a dura necessidade e a dura substancialidade de Espinosa e avançar para o universo da liberdade. A clássica oposição que marcou a metafísica tradicional e a filosofia transcendental kantiana entre essência e aparência é superada pelo processo do aparecer da essência como movimento de sua constituição. A concepção metafísica das coisas fixas e atômicas é superada pela sistemática dinâmica de relações distribuída em todo e parte, força e exteriorização e interior e exterior. Neste processo de dissolução dos dogmas da velha metafísica, Hegel positiva a contradição e integra os conceitos de Absoluto e Relativo, e substancialidade e acidentalidade num sistema de relações constituído por uma multiplicidade de determinações interrelacionadas e na totalidade autorrelacionada. Trata-se da circularidade entre relação de substancialidade, relação de causalidade e ação recíproca que é suprasumida na Lógica do conceito estruturada pelas categorias de universalidade, particularidade e singularidade. Trata-se de um único sistema internamente organizado em movimentos interpolares de um sistema relacional de intersubjetividade recíproca.

O *Capital* esboça movimentos similares. Marx começa pela circulação simples de mercadorias como o momento mais imediato no qual elas ainda são vistas em sua singularidade. Da superfície imediata o processo metodológico conduz para a interioridade do capital determinada no processo de produção do capital, com destaque especial na era da industrialização e a sua respectiva lógica. Desta interioridade invisível, talvez apenas crítica e epistemologicamente captável aos olhos do filósofo,

volta-se à superfície visível na qual a mercadoria produzida é posta na circulação do consumo. Não se trata mais de uma superfície imediata e periférica, como no começo da exposição de o *Capital*, mas uma superfície qualificada na qual a interioridade essencial é posta no fenômeno da circulação. Em outras palavras, o que é produzido precisa ser posto na circulação, e o consumo alimenta a produção numa circularidade na qual a produção determina o consumo e o consumo a produção. Isto produz uma circularidade do capital que inclui as modalidades do capital produtivo, do capital financeiro e do capital comercial. Como metodologia de exposição do livro que trata da circulação do capital, Marx desenvolve o ciclo próprio de cada uma das modalidades particulares de capital, desenvolve o ciclo de cada um mediatizado pelos outros e expõe o ciclo global através dos ciclos particulares. Numa imediata comparação com a Lógica do conceito, a universalidade pode ser representada pelo capital dinheiro, a particularidade pode ser representada pelo capital industrial produtivo, enquanto a singularidade pode ser representada pelo capital mercantil. Para Hegel,

Por causa disso, o silogismo é o fundamento essencial de todo o verdadeiro; e a definição do absoluto é, de agora em diante, que ele é silogismo, ou, exprimindo essa determinação como proposição: Tudo é um silogismo. Tudo é conceito, e seu ser aí é a diferença dos momentos do conceito, de modo que a natureza universal de tudo, mediante a particularidade, se confere realidade exterior, e assim, enquanto reflexão-sobre-si negativa se faz algo singular. Ou inversamente, o efetivo é um singular, que pela particularidade se eleve à universalidade, e se faz idêntico a si mesmo. O efetivo é uno, mas é igualmente o dissociar-se dos momentos do conceito, e o silogismo é o percurso completo da mediação dos momentos, pelos quais se põe como uno (HEGEL, 1995, § 181).

A teoria hegeliana do conceito centraliza-se no silogismo. Depois de passar pelo juízo cuja proposição é formada por sujeito e predicado, na qual o predicado é o fundamento universal de predicação e o sujeito a base singular, inverte a lógica na qual o predicado passa a ser apenas um atributo e o sujeito a síntese de um sistema de atribuições universais, abre-se uma série de configurações silogísticas. Para Hegel, tudo é um silogismo e formado por estruturas silogísticas. É a relação fundamental entre a unidade de algo e a multiplicidade de suas determinações articuladas em

movimentos de universalização do particular e de particularização do universal. Numa primeira aproximação, as determinações conceituais de universalidade, particularidade e singularidade somente podem ser adequadamente interpretadas na circularidade silogística em cuja sistemática cada uma se determina e se diferencia nas outras e cada qual compreende em si a universalidade, a particularidade e a singularidade. Sabe-se que os componentes do sistema filosófico, a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* são articulados em diferentes figurações silogísticas, culminando o movimento quando cada um destes círculos aparece como ponto de partida, como mediação e como conclusão do silogismo, e cada qual é mediado e mediatiza o movimento silogístico. Esta complexidade silogística atribuí ao pensamento hegeliano várias funções em disciplinas filosóficas como *Metafísica*, *Ontologia*, *Epistemologia* e *Teologia especulativa*. A sociedade e a história constituem silogismos articulados em círculos inclusivos que integram a subjetividade individual e comunitária, o Estado e a História universal dinamizados em movimentos de universalização e singularização. As estruturas silogísticas se ampliam quando entram em jogo estruturas e sistemas do real como a Natureza, a História, o Cosmos e o Absoluto dispostos em diferentes posições de circularidade universal, começando com qualquer um e estendendo ciclicamente os movimentos em direção aos outros e nos outros. Para Hegel:

Ao contrário, no silogismo completo, onde a universalidade objetiva está posta como a totalidade das determinações formais, a diferença entre o que medeia e o mediado desapareceu. O que está mediado é, ele mesmo, um momento essencial daquele que medeia, e cada momento está como a totalidade dos mediados (HEGEL, 1999, p. 125).

Não é possível expor, dentro das limitações de um artigo, o conjunto dos silogismos formulados por Hegel na *Ciência da Lógica*. Para fazer a ponte com Marx, apenas exporemos sinteticamente a sua significação mais profunda e a sua estruturação mais complexa. Como conclusão do silogismo da necessidade, cada componente do silogismo opera a função de mediação e de mediado, é mediado na medida em que medeia e medeia na medida em que é mediado. Todos os componentes do silogismo assumem a completude de todas as posições e todos os componentes incorporam as funções lógicas de universalidade, de particularidade e de singularidade.

Na completude do movimento silogístico, cada uma destas determinações representa a síntese das outras duas que se transformam em determinações intrínsecas daquela que representa a síntese. Assim, a singularidade é a síntese entre universalidade e particularidade, pois a elevação da particularidade à totalidade concreta esboça uma estrutura de interrelacionalidade que entrelaça todas as determinações na concretude racional consciente de si, na condição de universalidade concreta. A singularidade, como síntese entre a universalidade e a particularidade também pode ser esboçada no sujeito concreto de Platão ou de Hegel como síntese entre a universalidade racional e a particularidade material de um indivíduo consciente e livre. A particularidade pode ser determinada como síntese entre universalidade e singularidade na estrutura material que condensa em sua organização a inteligibilidade do universal e a multiplicidade de singularidades. E a universalidade aparece como síntese entre particularidade e singularidade na condição de reflexividade do real, das estruturas empíricas traduzidas na idealidade sistemática do pensamento filosófico. Nas múltiplas configurações da mediação silogística, a tridimensionalidade dos componentes do conceito não são conceitos simples e diferenciados dos outros, mas na estrutura de mediação cada um dos componentes interioriza os outros dois, e se distribui como constitutivo dos outros. É por esta razão que cada um media porque articula a estrutura silogística, e é mediado porque integra a estrutura da outra categoria. Continuamos com Hegel:

O terceiro silogismo é a ideia da filosofia, que tem a razão que se sabe, o absolutamente universal, por seu meio termo que se cinge em espírito e natureza; que faz do espírito a pressuposição, enquanto é o processo da atividade subjetiva da ideia, e faz da natureza o extremo universal, enquanto é o processo da ideia essente em si, objetivamente (HEGEL, 1995, § 577).

Esquema semelhante Hegel expõe no nível macrossistemático, no final da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, quando os círculos da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito* estabelecem uma sistemática de mediações na configuração silogística de *Filosofia do Espírito*, *Ciência da Lógica* e *Filosofia da Natureza*. A macrossistematicidade global deste silogismo tem como característica estruturante um movimento de mediação no qual cada componente figura como começo, como mediação e

como conclusão do sistema. Conforme exposto imediatamente acima, cada parte do sistema é constituída na dinâmica global de autofundamentação sistemática, e cada círculo é constituído pelos outros na mesma medida que os constitui. Como cada uma destas determinações assume as funções lógicas de universalidade, particularidade e singularidade, o silogismo caracteriza um movimento intersilogístico de várias estruturas silogísticas. Na configuração de Espírito/Lógica/Natureza, a mediação é indicativa de uma *Ciência da Lógica* e uma História da Filosofia cujo silogismo se totaliza na Natureza e no Cosmos. O resultado final do desenvolvimento silogístico tem como ponto de chegada o círculo mais amplo do Cosmos estruturado pelo espaço, pelo tempo, pela matéria e pelo movimento em estruturas galácticas e intergalácticas que formam a totalidade do Universo internamente organizado pela Ideia filosófica. Na configuração de Lógica/Natureza/Espírito é evidenciada uma *Filosofia da Natureza* e uma Cosmologia filosófica cuja estrutura se universaliza na esfera de transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, intersubjetividade e transsubjetividade do Espírito absoluto. Nesta figuração, todo o desenvolvimento silogístico tem como ponto de chegada a totalidade maior do Espírito absolutamente universal. A figuração Natureza/Espírito/Lógica evidencia epistemologicamente uma *Filosofia do Espírito*, uma Teologia especulativa e uma Filosofia da História que se universalizam na Ideia filosófica universal que é a reflexividade universal de todo o sistema. Trata-se de um silogismo no qual cada uma das esferas representa a síntese entre as outras duas, cada uma representa o começo, a mediação e a conclusão do silogismo, cada uma contém as outras e resulta de um movimento de determinação da totalidade do sistema. Para Marx:

Se fizermos uma síntese das três formas, todas as condições prévias do processo se mostram resultado dele, por ele mesmo produzidas. Cada elemento aparece como ponto donde se parte, por onde se passa e para onde se volta. O processo total se apresenta como unidade do processo de produção e do processo de circulação; o processo de produção serve de meio para o processo de circulação e vice-versa (MARX II, 2008, p. 115).

As modalidades de capital financeiro, capital produtivo e capital mercantil não constituem coisas fixas, mas diferentes ciclos que necessitam passar pelos outros para se constituírem como tais. O capital dinheiro, na

condição de forma e valor universal de todas as mercadorias, para se estruturar como um ciclo, parte da pura imaterialidade de valor, perde-se na construção de uma indústria e na aquisição de forças produtivas, produz novas mercadorias e volta ao capital financeiro na condição de lucro. Circulou por dentro da base material, transformou-se em meio universal de troca e resultou em mais dinheiro quando completa o seu ciclo. O capital industrial, na condição de parque produtivo, maquinários e produtos produzidos pela indústria, introduz no mercado em troca de dinheiro produtos que entram em circulação quando a indústria reproduz o que é consumido. A indústria não lança os mesmos produtos ao mercado, mas renova as suas forças produtivas, os processos produtivos e os produtos novamente lançados ao mercado quando o capital industrial cumpre o seu ciclo num novo grau de desenvolvimento alcançado por penetrar em outras modalidades de capital. O capital mercantil cumpre o seu ciclo quando mercantiza o capital dinheiro e o capital industrial e produz novos círculos de consumo.

Como referencial silogístico, numa analogia com o que Hegel desenvolve na *Ciência da Lógica*, o capital dinheiro ocupa as três posições do silogismo, com significações das mais diversificadas. O dinheiro ocupa a posição de ponto de partida do silogismo porque representa o pressuposto de qualquer compra e de qualquer base material. Na sociedade capitalista, o dinheiro figura aprioristicamente como a valoração universal de tudo, pois todas as coisas são referenciadas pelo valor atribuído a elas. Numa dimensão estritamente ética, no modelo capitalista os cidadãos são valorizados pela quantidade de dinheiro que possuem, com exclusão sistemática daqueles que não o dispõem. O capital dinheiro avança para a condição de termo médio quando aparece como meio de troca universal, transformando-se efetivamente em capital nesta função. Nesta condição, circula na interioridade dos sistemas do capital industrial e do capital mercantil, mediatiza todas estas estruturas e se transforma na força articuladora da sistemática global do capital. Assim, quando um comprador vai numa concessionária comprar o carro do ano, o grupo comercial recolhe o dinheiro e o aplica na compra de novos automóveis para a efetivação de novas vendas. O capital dinheiro circula entre uma infinidade de movimentos de compra e de venda quando se transforma em mediação universal na

qual se autodetermina como dinheiro e se multiplica. O capital dinheiro também se traduz na conclusão do silogismo, em cuja função salta da imanência e da interioridade mediadora para uma espécie de transcendentalidade pura conhecida como a autovalorização do valor. Nesta condição, o dinheiro é a finalidade última do modo de produção capitalista ao aparecer como uma incondicionalidade absoluta que se determina a si mesmo e tudo mensura. Em termos reais, são as gigantescas contas bancárias cujos valores se multiplicam a si mesmos como um deus autotélico cuja absolutividade e incondicionalidade é capaz de enfraquecer as outras modalidades de capital.

O capital industrial também circula pelas três funções do silogismo. Como ponto de partida, a indústria transforma a matéria prima em produtos manufaturados e de consumo, com aplicação de tecnologia capaz de transformar a natureza em objetos de consumo. Na condição de mediação, passa-se de uma determinada indústria para as várias áreas da produção e do sistema produtivo industrial de uma nação e de todo o planeta. Nesta função, o capital industrial estabelece a mediação entre o capital dinheiro, porque é uma forma de materialização do capital financeiro, e o capital comercial porque põe no mercado os produtos a serem comercializados. Trata-se da estrutura intrínseca que proporciona sustentabilidade às outras modalidades de capital porque o dinheiro não pode ser consumido na forma de dinheiro, e o mercado universal de circulação global de mercadorias adquire dinamismo e inovação pelo aporte industrial. Sem a mediação proporcionada pelo capital industrial, as formas do dinheiro e do comércio ficariam esvaziadas. O capital produtivo se transforma também em conclusão do silogismo na caracterização da sociedade capitalista como a civilização industrial. Mesmo que a civilização industrial no estilo bruto da maquinaria pesada do tempo de Marx esteja superada pela era da informação, da robótica e da nanotecnologia, a sociedade industrial ficou refinada na sociedade tecnológica. Como fim do silogismo, o capital industrial avançou qualitativamente em civilização tecnológica na qual atualmente estamos mergulhados. E na condição de conclusão do silogismo, o capital industrial é a materialização e universalização do dinheiro e do comércio porque a dinamicidade desta modalidade de capital está na circularidade que proporciona ao produzir e reproduzir produtos e

processos e ao produzir novas forças e novos sistemas produtivos que compenetraram o capital financeiro e o capital mercantil.

O capital mercantil também circula pelas três funções do silogismo. O capital mercantil, configurado como ponto de partida, caracteriza a necessidade do comércio para a aquisição de qualquer produto ou mercadoria para o consumo. O mercado é determinado como a base para a circulação do dinheiro e a base para a composição de um sistema industrial. Mas a mediação do mercado no silogismo do movimento da estrutura capitalista estabelece a sua condição mais ampla, pois todas as relações, realidades, ações econômicas são mediatizadas pelo mercado. Isto significa dizer que num ato de compra, na produção de uma mercadoria, no preço de um produto, no caminho entre o produtor e o consumidor está o sistema universal do mercado que se amplia na interrelação das coisas e dos processos de consumo. Nesta perspectiva silogística, vivemos sistematicamente dentro do mercado e sem ele não é mais possível realizar nada. Nesta lógica, o preço de um produto, os padrões de produção e de consumo, os hábitos e comportamentos materiais, os costumes e modos alimentares são regulados pela macrossistemática estrutura do mercado. Ele mediatiza o capital dinheiro e o capital industrial porque determina a circulação destas configurações no universo do comércio e do consumo. Por este viés, o sistema de intercâmbio e de circularidade do mercado não caracteriza apenas a estrutura econômica global, mas invade incondicionalmente outros campos como as relações sociais, a política e o Estado, a Religião e os sistemas de pensamento. Como conclusão do silogismo, o capital comercial mercantilizava tudo ao conferir um poder mágico ao mercado no qual as coisas e objetos de uso se transformam numa espécie de espiritualidade capitalista conhecida como fetichismo da mercadoria. Neste raciocínio, tudo é incondicionalmente incluído no sistema do mercado e fora dele nada é mais possível. Todas as realidades conhecidas como a natureza, a sociedade, a economia e a religião são reunidas e incluídas numa representação comum que se chama mercado e destinadas a reproduzir a sua racionalidade. Continuamos com Marx:

A forma em que o processo imediatamente se apresenta é a de uma sucessão de fases, dependendo a passagem para uma nova fase do abandono de outra. Cada ciclo particular tem, por isso, como ponto de partida e ponto

final uma das formas funcionais do capital. Por outro lado, o processo global é, de fato, a unidade dos três ciclos, que são as formas diferentes em que se expressa a continuidade do processo. Para cada forma funcional do capital, o ciclo global apresenta-se como seu ciclo específico, e cada um desses ciclos é condição de continuidade do processo global; o percurso circulatório de uma forma funcional implica o de outra. Para o processo global de produção, e especialmente para o capital social, é condição necessária ser ao mesmo tempo processo de reprodução e conseqüentemente ciclo de cada um de seus elementos. As diversas frações do capital percorrem sucessivamente os diferentes estádios e formas funcionais. Cada forma funcional, embora represente de cada vez parte diferente do capital, percorre, por isso, simultaneamente com as outras, seu próprio ciclo. Sempre mudando de forma e se reproduzindo, parte do capital existe como capital-mercadoria que se converte em dinheiro; outra, como capital-dinheiro que se transforma em capital produtivo; uma terceira, como capital produtivo que se torna capital-mercadoria. A existência contínua dessas três formas decorre de o ciclo do capital global passar por essas três fases (MARX II, 2008, p. 118-119).

O processo global de autoprodução do capital está diretamente ligado aos ciclos próprios de cada modalidade particular do capital que representam o ciclo global em diferentes formas particulares. A totalidade do capital e o seu ciclo de autodesenvolvimento é inseparável do movimento de constituição próprio de cada fração do capital na qual se determina. O percurso simultâneo de todas as determinações que percorrem os seus ciclos, cada qual em si e todas entre todas, o automovimento do capital global é inseparável do desenvolvimento intercíclico no qual cada uma circula em torno de si mesma girando ao redor das outras e todas cumprindo o seu ciclo em si ao redor das outras. Na verdade, a harmonia e integralidade dos três ciclos de individualização e de intercircularidade mútua constituem a estrutura e o movimento do capital global. Esta estrutura dinâmica é formada pela circularidade própria de cada determinação, a mediação desta autocircularidade na intercircularidade de todas e o movimento do capital global constituem um único movimento complexo e integrador. Cada ciclo determina os outros na medida em que é por estes determinado, todos se determinam reciprocamente entre si cuja circularidade e intercircularidade multilaterais constituem a estrutura do capital global. Mas a circularidade somente será completa quando for evidenciado o processo universal de transformação do capital mercadoria em capital dinheiro no

ato da realização da venda; do capital dinheiro transformado e capital produtivo, quando aquele é materializado em estrutura industrial; e o capital industrial transformado em capital mercadoria quando lançado pela indústria no círculo do mercado. Nesta circularidade global, há uma autodissolução de todas as determinações que se transformam nas outras, e nesta dissolução recíproca cada determinação é restabelecida positivamente num outro nível e noutra configuração. Mas o ciclo de cada capital individual constitui uma fase específica no processo de autodesenvolvimento do capital global inseparável dos movimentos de individualização e de inter-relacionalidade do capital. O capital, ao completar o seu ciclo no intercâmbio entre o capital global que se determina na sucessão de ciclos dos capitais individuais e destes que se totalizam no processo e na estrutura global, esboça qualitativamente um novo ciclo de desenvolvimento global. Continuamos com Marx:

Globalmente, o capital se encontra, ao mesmo tempo, em suas diferentes fases que se justapõem. Mas cada parte passa, ininterrupta e sucessivamente de uma fase, de uma outra forma funcional, para outra, funcionando sucessivamente em todas. As formas são, portanto, fluidas e sua simultaneidade decorre de sua sucessão. Cada forma sucede e precede a outra, de modo que o retorno de uma parte do capital a uma forma tem por condição o regresso de outra parte a outra forma. Cada parte descreve continuamente seu próprio circuito, mas de cada vez se encontra em dada forma outra parte do capital, e esses circuitos particulares constituem apenas elementos simultâneos e sucessivos do movimento global (MARX II, 2008, p. 119).

A comparação da circulação do capital com a Lógica do conceito nos permite associar a universalidade com o capital financeiro, a particularidade com o capital produtivo e a singularidade com o capital mercadoria. Mas no movimento de mediação das determinações do capital e a sua articulação com o capital global, as três modalidades não constituem determinações fixas, mas em cada uma delas estão as outras modalidades e a totalidade do capital. Neste movimento de intermediação de uns com os outros em cujo círculo cada modalidade opera as funções de ponto de partida, mediação e conclusão da estrutura silogística. A estrutura de mediação intercapitalista universal deve ser representada por um sistema de silogismos onde todos os componentes são permanentemente

mediatizados na medida em que mediatizam. Neste movimento global, a primeira configuração do silogismo é o esquema *capital dinheiro/capital industrial/capital mercadoria*. Nesta configuração silogística interpretada pelo viés da mediação do capital industrial, a indústria exerce a função de mediação entre o capital financeiro e o capital mercadoria. É a instância pela qual a estrutura produtiva confere uma finalidade material ao capital dinheiro para que ele tenha a condição de realização. E no capital mercadoria, cujos objetos são produzidos pela indústria, o fetichismo da mercadoria na condição de idealidade absoluta e universal inscrita nos objetos que circulam no mercado, pela indústria eles têm certa base material. Um automóvel de última linha é portador de uma estrutura material concreta fornecida pela indústria. O silogismo, interpretado desde a conclusão do capital mercadoria, esta modalidade figura como síntese por conjugar a dupla feição fetichista de sublimidade divina proporcionada pelo capital dinheiro e a estrutura material particular proporcionada pela indústria. Neste viés silogístico, tudo desemboca incondicionalmente para a universalidade absoluta do mercado, pois estruturas como a natureza, a sociedade, a história e a religião são dissolvidas em suas particularidades próprias e incorporadas pelo mercado. E o silogismo, interpretado na perspectiva do ponto de partida do dinheiro, é o pressuposto de valoração universal necessário para qualquer investimento e desenvolvimento material. Em palavras mais simples, apenas com dinheiro é possível fazer alguma coisa.

Na sequência do silogismo propomos o formato estruturado em *capital industrial/capital mercantil/capital dinheiro*, logicamente configurado na modalidade de particularidade, singularidade, universalidade. O capital mercantil mediatiza o capital industrial e o capital financeiro, pois o mercado é determinado como o meio pelo qual as outras determinações alcançam efetividade. A função de mediação exercida pelo capital mercantil das outras modalidades está na efetividade do capital industrial, pois coloca os produtos industriais em circulação para serem consumidos e dar continuidade ao processo produtivo que compreende a reprodução simples e a inovação dos processos e produtos. Na condição de capital mercadoria e mercado, os produtos adquirem a qualificação mágica do fetichismo de uma espécie de subjetividade divina que induz ao consumo e à

posição de adoração por parte dos consumidores. A mediação estabelecida pelo capital mercantil também proporciona efetividade ao capital dinheiro, pois na imanência da circularidade material o dinheiro se multiplica e se valoriza. No silogismo, interpretado pelo viés do primeiro termo ocupado pelo capital industrial, esta modalidade é determinada como uma espécie de causalidade material que se desdobra e se transforma nas outras modalidades, no ciclo do capital industrial que se transforma em capital mercadoria e em capital dinheiro. Talvez, esta seja a configuração silogística que inspira uma interpretação materialista do pensamento de Marx efetivada a partir da natureza transformada pelo trabalho humano e a produção industrial convertida em capital social e nas relações sociais. Por este viés silogístico, a força produtiva da indústria na condição de grande capital industrial coloca em circulação os produtos para o consumo e estabelece as condições para a circulação do dinheiro. Mas o silogismo, interpretado pelo viés da conclusão do capital dinheiro, o sistema da natureza, o sistema industrial, o sistema de mercado e o sistema social são incondicionalmente universalizados e absolutizados no capital dinheiro como a significatividade autotélica de tudo. Tudo está submetido pelo guarda-chuva absoluto do capital dinheiro que dissolve a determinidade de todas as esferas e estruturas na sua própria universalidade de valor e absolutividade.

A última configuração silogística é dada pela sequência *capital mercadoria/capital dinheiro/capital produtivo*. A camisa de força do silogismo é a mediação do capital dinheiro determinado na condição de estrutura intrínseca que mediatiza as relações mercantis e interindustriais. Nesta modalidade silogística, o dinheiro circula entre as múltiplas estruturas de mercado e estruturas industriais, como igualmente circula dentro do sistema e dentro das modalidades particulares. Na condição de mediação, o capital dinheiro não apenas determina incondicionalmente o valor de tudo, pois para esta função estaria no começo do silogismo, mas funciona como uma espécie de inteligibilidade econômica comparativa entre as mercadorias, entre as estruturas produtivas, entre os sistemas econômicos etc. Pela mediação do capital dinheiro, nada mais é determinado como coisa absoluta e que tenha o seu valor intrínseco, mas tudo é determinado pelo círculo da comparação múltipla e da inter-relacionalidade complexa

distribuída em múltiplas esferas. O silogismo, visto sob o viés do primeiro termo, o mercado é a condição de onde tudo parte e para onde tudo volta. Trata-se de um determinismo mercantil que coloca tudo sob o prisma desta causalidade fundamental, pois ele determina o valor das coisas, as relações sociais, os costumes e hábitos de consumo, os pensamentos e os conhecimentos. O silogismo também pode ser interpretado na perspectiva da conclusão figurada pela universalidade concreta do capital produtivo. Como fim do processo, o capital produtivo é determinado como síntese das outras duas modalidades anteriores e qualificado na figuração lógica de universalidade concreta. É a materialização universal da indeterminação implícita na mercantilidade do fetichismo da mercadoria e da indeterminação do capital dinheiro. Como conclusão silogística, o capital produtivo caracteriza a sociedade capitalista como civilização industrial e tecnológica, num universo no qual se dá a síntese entre conhecimento e tecnologia. Não se trata mais, como afirmamos acima, da fase da maquinaria pesada conhecida por Marx, mas de uma produtividade tecnológica pressuposta por uma estrutura de interdisciplinaridade científica e múltiplos procedimentos tecnológicos. Para Marx:

Mas os ciclos dos capitais individuais se ligam uns com os outros, se supõem e se determinam reciprocamente, e justamente esse entrelaçamento constitui o movimento de todo o capital social. Na circulação simples das mercadorias, a metamorfose completa de uma mercadoria representa elo da série e metamorfoses do mundo das mercadorias; do mesmo modo, a metamorfose do capital individual constitui elo da série de metamorfoses do capital social. Mas, se a circulação simples das mercadorias não inclui necessariamente a circulação do capital, podendo ocorrer em regime de produção não-capitalista, o ciclo da totalidade do capital social abrange, conforme já observamos, ainda a circulação de mercadorias que não entram no ciclo do capital individual, ou seja, a circulação de mercadorias que não constituem capital (MARX II, 2008, p. 401).

A lógica da circularidade do capital exposta por Marx no segundo livro de o *Capital* comporta uma estrutura de macrossistematicidade complexa e ampla que ultrapassa o círculo de inter-relacionalidade simples entre as estruturas do capital. Não se trata apenas de um desenvolvimento intercapitalista entre as modalidades de capital, mas se trata de uma sistemática intersilogística. Para o estabelecimento de uma correlação entre

Hegel e Marx, o fazemos a partir da noção hegeliana acima exposta num sistema de silogismos já mediatizados e em contínua mediação, na macroestrutura que integra a sequência de *Lógica/Natureza/Espírito*, *Natureza/Espírito/Lógica* e *Espírito/Lógica/Natureza*. Nesta leitura, cada uma das esferas da *Ciência da Lógica*, da *Filosofia da Natureza* e da *Filosofia do Espírito* caracteriza a tridimensionalidade de Lógica, Natureza e Espírito. Isto significa dizer que cada uma das esferas filosóficas contém em si mesma as outras esferas e cada uma é contida pelas outras, é configurada nela mesma e se estende pelas outras e através das outras. Nesta estrutura sistemática completa, o primeiro silogismo é significado pela *Filosofia da Natureza* que estabelece a mediação entre as outras e as integra no seu círculo. No segundo silogismo, a *Filosofia do Espírito* figura como a mediação porque ela integra, interliga e compenetra as outras esferas na condição do círculo do Espírito universal. No terceiro silogismo, a *Ciência da Lógica* figura como mediação porque ela não se restringe ao puro pensamento como condição de primeira esfera, mas as suas estruturas conceituais se estendem por todo o sistema na abrangência intraesférica e interesférica.

O *Capital*, de Karl Marx, também pode ser lido nesta perspectiva macrosistemática, na qual cada determinidade do capital contém em si mesmo as outras determinidades e a totalidade da estrutura do capital. Nestas condições, cada forma de capital aparece na abrangência absolutamente universal e planetária. Numa primeira aproximação a esta forma de sistematização, o capital produtivo e industrial não diz respeito apenas a uma indústria ou a um setor produtivo, mas ao sistema produtivo mundial que compreende tantas companhias multinacionais, transnacionais e transcontinentais, distribuídas em diferentes ramos produtivos. Estas megaempresas não respeitam limites de nações, de continentes e de espaços geográficos, mas abrangem o planeta inteiro em suas respectivas formas de atuação. Mas o conjunto de pequenas, médias e grandes empresas produtivas constitui um único sistema produtivo mundial, pois uma única indústria tem ao redor de si inúmeras outras atividades, tais como fornecedores de matérias primas e transportadoras. Sistemas produtivos similares ampliam-se para outros sistemas produtivos mais amplos até completar a totalidade do sistema mundial. Mas dentro do capital produtivo

global está o capital financeiro, pois as empresas movimentam significativas somas de dinheiro para funcionar e esta atividade universal está focada no lucro capitalista. Do ponto de vista do capital global, o sistema industrial representa capital dinheiro concretizado, soma um valor capitalista expressivo e movimenta quase infinitas somas de dinheiro. O capital industrial produtivo também integra dentro de si o capital comercial mercantil, pois os sistemas produtivos, as máquinas, as indústrias, os processos produtivos e os próprios produtos constituem estruturas de mercado. Por este viés, o capital industrial não apenas caracteriza uma espécie de substancialidade produtiva estática posteriormente posta no mercado, mas configura uma estrutura dinâmica pela inovação constante das forças produtivas, processos produtivos, incremento tecnológico e introdução de novos padrões de consumo.

O capital financeiro também inclui em si mesmo as outras modalidades do capital. A condição para a transformação do dinheiro em capital é a sua diferenciação nas outras esferas e na circulação ao redor das outras quando se constitui como capital financeiro. Este inclui o capital mercantil porque mediatiza todo o movimento de circulação de mercadorias. Em relação ao capital mercantil, o capital financeiro funciona como uma espécie de teleologia imanente, porque mediatiza as trocas e a circulação em múltiplas esferas de abrangência, e cada quantidade numérica de dinheiro é convertida em novas trocas, em cuja lógica o dinheiro se multiplica ao mediar o comércio e o mercado global. O capital financeiro inclui como determinação sua o capital produtivo porque este não é apenas uma estrutura material, mas ela possui um valor intrínseco que o configura como capital produtivo. Em outras palavras, o capital produtivo tem um valor monetário nele inscrito que o integra no círculo de valorização financeira. O capital financeiro não caracteriza apenas o dinheiro invisível na forma virtual exteriorizada nas reservas monetárias das contas bancárias, mas é um sistema estruturado por bancos, instituições financeiras universais, nacionais e particulares e por um sistema de intercâmbio monetário. O capital dinheiro, na sua forma mais excelente de expressão, constitui um capital mercantil por excelência, pois o intercâmbio e a negociação do dinheiro caracteriza um comércio mundial. A absoluta universalidade do capital dinheiro é alcançada na total financeirização de tudo, pois qualquer

realidade é capitalizada incondicionalmente como dinheiro. As coisas valem muito mais pelo seu valor monetário do que por elas mesmas enquanto especificidade material.

O capital mercantil inclui em seu interior as outras modalidades de capital, na condição de uma totalidade que transforma as outras em determinações suas. Nesta esfera, o capital mercantil compreende o fluxo do comércio internacional no qual são intercambiados produtos entre todos os quadrantes do planeta e entre todos os países do mundo. Trata-se de um fluxo comercial multilateral estruturado pela horizontalidade, pela verticalidade e pela transversalidade das trocas. É o ciclo global dos fluxos de exportação e de importação entre os países e as trocas comerciais entre os blocos e no interior deles. Na esfera do capital mercantil, os objetos produzidos perdem a sua especificidade e a sua localização geográfica e circulam por múltiplos espaços geográficos do planeta e encontram consumidores dos mais variados. Nesta circularidade e transversalidade dinâmicas, o capital industrial inclui o círculo do intercâmbio comercial, pois máquinas e equipamentos como estruturas de produção industrial incluem a corrente do comércio. Máquinas básicas de produção industrial não constituem apenas um capital fixo originário, mas caracterizam um capital circulante integrado no fluxo do comércio internacional. As indústrias, dentre múltiplas outras mercadorias, compram e importam máquinas para a produção industrial e tecnologia como expressões significativas do fluxo de mercado. E o capital dinheiro caracteriza uma modalidade de capital mercantil porque mediatiza universalmente as trocas comerciais e porque ele próprio é comercializado por si mesmo numa troca tipicamente mercantil. As variações de câmbio e a identificação de uma moeda padrão internacional alimenta a dimensão eminentemente comercial e mercantil do capital dinheiro.

ESPÍRITO E MERCANTILIZAÇÃO DO CAPITAL

A exposição sinteticamente realizada acima é fundamental para uma comparação entre Hegel e Marx a partir de obras respeitáveis como a *Ciência da Lógica*, a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e o *Capital*. Mas esta dimensão ainda é insuficiente para uma ampla problematização

filosófica entre os dois filósofos e entre estas obras monumentais. O que foi exposto evidencia uma profunda convergência sistemática a partir da estrutura lógica dos silogismos que são fundamentais para a compreensão dos dois filósofos, porém com sentidos éticos radicalmente divergentes. O que agora será indicado é uma problemática filosófica complexa pelas antinomias argumentativas que circulam entre Hegel e Marx, pois a partir daquele é preciso adentrar no universo da *Filosofia do Espírito*, e este é discutido a partir dos três volumes do terceiro livro de o *Capital* que tratam do Processo Global de Produção Capitalista. Por um lado, de ambos os lados são argumentos complexos e, por outro, há radicais antinomias sistemáticas e de significação que separam os dois filósofos. Mas estas constatação torna a investigação ainda mais instigante. Para Hegel,

O espírito, portanto, no Outro só se revela a si mesmo, sua própria natureza; esta porém consiste na automanifestação. O “automanifestar-se” é, por isso, ele mesmo o conteúdo do espírito, e não, por assim dizer, somente uma forma acrescentando-se externamente ao seu conteúdo. Por sua manifestação, em consequência, o espírito não manifesta um conteúdo diferente de sua forma – esta é que exprime o conteúdo total do espírito; a saber, sua automanifestação. Forma e conteúdo são assim, no espírito, idênticos entre si (HEGEL, 1995, § 383).

Um dos objetos principais da filosofia hegeliana é a construção de um conceito de liberdade esboçado em forma de sistema de liberdade. Para Hegel, o universo do Espírito não é simplesmente resultado de esferas e estruturas anteriores, mas é o seu próprio resultado em forma de autodeterminação sistemática da liberdade. Como o Espírito não depende de uma instância anterior ou exterior a ela, a sua lógica é a da automanifestação. Nele a forma coincide com o seu conteúdo e o conteúdo coincide com a sua forma. A *Filosofia do Espírito* é estruturada pela inteligibilidade racional da liberdade e uma significatividade lógica da razão cuja forma coincide com a estrutura ética de sociabilidade e de organização política. O movimento de autodeterminação e de automanifestação da liberdade exterioriza esta razão em forma de Filosofia da História como progresso na sistematização da liberdade concreta e a sua expressão nas estruturas de sociabilidade. A concepção hegeliana de liberdade pode ser sistematizada por dois vieses, o primeiro a partir da Filosofia da História onde Hegel expõe o processo histórico de

construção da liberdade nas civilizações e épocas históricas. Por outro lado, a exposição sistemática da liberdade na *Filosofia do Direito* caracteriza uma progressão simultânea entre a consciência da liberdade e o estabelecimento de estruturas éticas cada vez mais amplas e complexas como o Estado e a História mundial. A própria *Filosofia do Espírito* desenvolve uma lógica na qual as diferentes determinações se desdobram em espírito subjetivo, espírito objetivo e espírito absoluto. Nesta dinâmica, a liberdade humana é inseparável da experiência teórica e prática do Absoluto através da universalização da finitude e da singularização do Absoluto. Em outra direção, Marx escreve:

O montante, as formas e os movimentos da circulação do dinheiro não passam de resultado da circulação das mercadorias, a qual, no capitalismo, representa apenas o processo de circulação do capital, onde se inclui a troca de capital por renda, de renda por renda, desde que se trate de desembolso de renda a consumir do capitalista no comércio a retalho. Nessas condições, é evidente que o comércio de dinheiro não promove a circulação de dinheiro, mero resultado da circulação das mercadorias, maneira de esta aparecer. Para ele é um dado a própria circulação do dinheiro, aspecto da circulação das mercadorias, e o que ele propicia são as operações técnicas da circulação monetária, as quais acrescenta, abrevia e simplifica (MARX III, 2008, p. 427).

O terceiro livro de o *Capital* é amplo e complexo. Por esta razão, destacaremos uma ideia que parece ser estruturante. Marx chama a atenção acerca do caráter não inovador do comércio, contrariamente à indústria que inova de forma permanente e qualitativa. A circulação de dinheiro é resultado da circulação de mercadorias, pois os múltiplos atos de compra no comércio promovem a circulação do dinheiro. Mas há uma forma de comércio que não induz a circulação do dinheiro, na simples troca de dinheiro por dinheiro. Uma das formas de troca de dinheiro por dinheiro é a forma cambial quando as moedas são comparadas e trocadas por uma moeda oficial universal em relação à qual todas as moedas recebem o seu valor monetário. O comércio de troca de dinheiro por dinheiro está ligado ao fenômeno de entesouramento do dinheiro em espaços autotélicos das contas bancárias e que não retorna ao sistema de troca e de circulação do dinheiro nos círculos de compra e venda. O dinheiro, abstraído da circulação, torna-se autotélico e movimenta a si mesmo a partir da

ampliação do seu valor. Este mecanismo provoca atrofiamento e paralização do processo produtivo material porque o dinheiro mercantil foi abstraído da base material e interrompe uma série de processos materiais. Para Marx,

Da mera forma da circulação das mercadorias, $M - D - M$, surge dinheiro não só como medida do valor e meio de circulação, mas também como forma absoluta da mercadoria e, por conseguinte, da riqueza, como tesouro, e a imobilização e acréscimo como dinheiro tornam-se um fim em si mesmo. Analogamente, da simples forma de circulação do capital mercantil, $D - M - D'$, surge o dinheiro, o tesouro, como algo que se conserva e aumenta por meio da mera alienação (MARX III, 2008, p. 440-441).

A tonalidade de construção do terceiro livro de *o Capital* estabelece uma antinomia radical entre a economia real constituída no equilíbrio da intercircularidade entre capital produtivo, capital dinheiro e capital mercantil, e a economia especulativa do puro dinheiro que se torna uma espécie divindade autotélica. O texto acima é claro porque o capital dinheiro não é apenas um meio de troca que se restabelece na outra polaridade na forma de capital, não apenas como uma circularidade de incondicionalidade primeira e última, mas sai da lógica da circularidade econômica e aparece a forma do dinheiro puro que se multiplica a si mesmo a partir da capacidade de autoatividade. Este capital dinheiro é retirado da circulação e da mediação com as outras modalidades de capital e se transforma em puro dinheiro especulativo a partir dos lucros das grandes empresas, das contas bilionárias e da pura lógica bancária. Para Marx, quanto mais intensa a lógica da especulação financeira, mais desintegrada se torna a economia real. A tendência é o investimento dos grandes grupos econômicos na lógica bancária dos juros e o enfraquecimento do setor produtivo. Nesta lógica, formam-se dois mundos, o do puro capital especulativo que se reproduz autotelicamente e se constitui como uma espécie de incondicionalidade divina, e o da economia real onde falta dinheiro para os investimentos básicos e para o giro da atividade econômica. A tendência desta lógica é a desfiguração do sistema econômico real em sucessivas crises e na especulação do mundo no qual as grandes corporações e bancos realizam exorbitantes lucros. Mesmo em sua forma de transcendentalidade e pureza absolutas, o capital especulativo determina

incondicionalmente o valor das coisas e o valor do dinheiro que circula na economia. A lógica da financeirização do mundo elimina radicalmente a subjetividade individual e coletiva, enfraquece o desenvolvimento econômico e desequilibra as estruturas da sociedade. É um dualismo profundo porque o dinheiro é radicalmente ausente na estrutura material do mundo impossibilitado de investimentos elementares, e é radicalmente abundante em função das grandes quantidades retidas em espaços de especulação. Continuamos com Marx:

São os meios de produção monopolizados por determinada parte da sociedade, os produtos e condições de atividade da força de trabalho os quais se tornam autônomos em oposição à força de trabalho viva e, em virtude dessa oposição, se personificam no capital. O capital são os produtos gerados pelos trabalhadores e convertidos em potências autônomas dominando e comprando os produtores, e mais ainda são as forças sociais e a forma do trabalho com elas conexas, as quais fazem frente aos trabalhadores como se fossem propriedades do produto deles. Temos aí, portanto, determinada forma social, envolvida numa névoa mística, de um dos fatores de um processo social de produção fabricado pela história (MARX III, 2008, p. 1078).

A configuração capitalista na forma do capital dinheiro mercantilizado é determinada num misticismo que encobre a sociedade quando o capital se transforma numa gigantesca estrutura autotélica autonomizada em relação aos trabalhadores. A absolutividade do capital desenvolve uma lógica autonomizada em relação aos trabalhadores e aniquiladora de sua subjetividade, autoconhecimento e liberdade. Nestas condições, a mercantildade do capital dinheiro configurado na sua pureza especulativa e na absoluta “transcendentalidade numênica”, ultrapassa os trabalhadores, a economia real e a sociedade. Esta forma de capital é absoluta porque incondicionalmente ultrapassa tudo, incondicionalmente determina tudo e incondicionalmente incorpora tudo à sua lógica. Trata-se de uma estrutura vertical porque sobreposta à sociedade e ao sistema capitalista de circulação do capital na tridimensionalidade produtiva, financeira e comercial. Caracteriza uma circularidade absoluta porque compenetra exteriormente tudo, como uma esfera máxima e absolutamente universal. Aparece como inteligibilidade imanente porque arrasta incondicionalmente tudo em sua torrente e transforma tudo nesta forma de

absoluticidade do capital. O capital dinheiro na forma mercantil é absoluto porque não é contraposto a nada, porque é a mais sublime universalidade de referência de valor e o universo de maior excelência racional. Mesmo como portadora da capacidade de tudo absorver em seu interior, é infinitamente transcendente porque é a esfera mais ampla e a plenitude mais perfeita. O capital dinheiro mercantil é coextensivamente imobilidade absoluta e mobilidade absoluta. É imobilidade absoluta porque não determinado por nada, não ultrapassado por nada e porque não corre nenhum risco de se dissolver na contingência material do mundo e da economia real. É imobilidade absoluta pelo poder da incondicionalidade de determinar tudo, dissolver todas as esferas e transformá-las em capital. É mobilidade absoluta pela capacidade autotélica de se multiplicar ilimitadamente por uma lógica que lhe é própria e por movimentar tudo e transformar na perspectiva do capital. Para Lima Vaz:

A originalidade e a significação da Ética hegeliana em face dos grandes paradigmas que o precederam mostrou-se, no espaço teórico do novo modelo historicista, pela coerência com que a relação com o Absoluto foi *sistematicamente* desenvolvida a partir da existência histórica do espírito entendida não em seu acontecer aleatório, mas na inteligibilidade de seu *dever-ser*, isto é, em sua essencial dimensão ética. Ora, tal desenvolvimento sistemático não é possível senão como uma imensa hermenêutica da ação humana interpretada como progressiva *automanifestação* (razão) e *autodeterminação* (liberdade) do ser. Percorrer os passos essenciais dessa hermenêutica nos oferece, por conseguinte, uma visão de conjunto da Ética hegeliana – ou do Sistema hegeliano em sua face ética, e é esse o roteiro que pretendemos agora brevemente seguir (LIMA VAZ, 1999, p. 379).

A questão apenas pontualizada oferece um amplo caminho para as problematizações entre Hegel e Marx. Segundo o filósofo brasileiro Lima Vaz, a Ética hegeliana não é apenas um capítulo ou uma parte do sistema filosófico hegeliano, como o foram todos os modelos da tradição filosófica, mas é o sistema filosófico na dimensão decididamente ética. Por este viés, a Ética hegeliana é uma das disciplinas mais frondosas do sistema filosófico de Hegel. E a razão filosófica para a justificação de tal argumento é de que a *Filosofia do Espírito*, terceiro volume da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, aparece como síntese entre a *Ciência da Lógica* e *Filosofia da Natureza*, na inteligibilidade da liberdade proveniente da Lógica do conceito traduzida

nos sistemas de intersubjetividade e reconhecimento, nas estruturas de sociabilidade e nos sistemas de organização política que encontramos nas partes da *Filosofia do Direito* onde Hegel expõe o conceito de Estado e de História universal. A ação humana deve ser interpretada no sentido hermenêutico de progressiva automanifestação a razão e de autodeterminação da liberdade que aparece como móvel do sistema filosófico no qual a Ideia filosófica se desdobra na sistemática interesférica da Lógica, da Natureza e do Espírito, conforme exposto acima. A sistemática da liberdade se desdobra em movimentos de horizontalidade, verticalidade, circularidade e transversalidade que caracterizam a autodiferenciação em movimentos de expansão sistemática. O conceito hegeliano de liberdade é o ponto angular desta exposição quando converge na noção de intersubjetividade e transsubjetividade em estruturas históricas de organização ético-política.

Em o *Capital* não há indicativos de uma ética e uma liberdade. O sistema econômico capitalista dissolve qualquer possibilidade de liberdade. Do ponto de vista sistemático, o terceiro livro de o *Capital* conta com uma organização vertical no qual o primeiro componente é o homem trabalhador e a estrutura social dissolvidos e coisificados pela estrutura do sistema capitalista cuja engrenagem produtiva pressupõe a dissolução das relações sociais e da liberdade em todas as suas manifestações. O terceiro componente do sistema é o capital financeiro abstraído da estrutura material da sociedade e que inviabiliza o processo de produção material. As sucessivas crises pelas quais passa a sociedade capitalista são devidas à especulação financeira que tem nos grandes depósitos bancários, nos juros, no comércio do dinheiro a sua expressão máxima. Numa remota comparação com o velho Heráclito, o capital financeiro especulativo pode ser comparado com o fogo que consome a economia real, a liberdade do trabalhador e a sociabilidade. Assim, no lugar da liberdade há a coisificação do ser humano, no lugar da ética há a gigantesca estrutura capitalista, no lugar do pensamento filosófico há a ideologia da sociedade mistificada que não reconhece o produto de sua atividade. Se Hegel expõe uma lógica de progressiva manifestação da liberdade, Marx expõe uma progressiva sistemática de eliminação da liberdade em relações sociais cada vez mais coisificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos no artigo algumas aproximações e divergências metodológicas entre a *Ciência da Lógica* e o *Capital*. É evidente que a problemática não pode ser aprofundada dentro dos limites de um artigo, pois, para tal desafio, seria necessária uma obra da envergadura das duas aqui em consideração. Nesta empreitada, parece que as convergências metódicas e sistemáticas são condição para a interpretação das significativas divergências, e estas são condição para a identificação daquelas. Mas as profundas contradições entre as duas obras filosóficas aqui destacadas não rebaixa uma em relação a outra, mas são condições para o engrandecimento mútuo. A sistemática da *Ciência da Lógica* permite o seu alargamento para uma arquitetônica filosófica como aquela de o *Capital*, como uma leitura aprofundada desta necessita de um aprofundado conhecimento daquela.

As duas obras aqui em questão partem da indeterminação imediata no que concerne à especificidade de cada abordagem, adentram na profundidade da essência como reflexividade que evidencia um processo de automanifestação da razão na qual a interioridade é coextensiva à “exterioridade” do real. O que fica imediatamente evidente a partir da Lógica do conceito, com a sua estruturação silogística e metódica, é um viés interpretativo para a exposição do universo do Espírito enquanto estrutura de autodeterminação da liberdade. A própria noção hegeliana de Espírito absoluto põe os humanos num contexto histórico concreto, como expressão da particularização da universalidade da razão, mas ao mesmo tempo os abre a horizontes muito mais amplos que não os restringe à determinidade política e histórica. No caso de Marx, o viés mais adequado para entender a sua obra, especialmente o *Capital*, é pela estrutura categorial da Lógica da essência. O desenvolvimento econômico e material da sociedade capitalista moderna pode ser exposto a partir do movimento e da estrutura típica da Lógica da essência, destacadamente a partir das estruturas categoriais de essência e de aparência. Marx expõe a lógica do capital como uma antinomia irreduzível entre a subjetividade do ser humano e a estrutura do capital, pois quanto maior o capital, mais vazia será a subjetividade.

No artigo procuramos seguir outro caminho. Após indicar sucintamente algumas questões metodológicas preliminares, focamos a exposição na significação hegeliana da Lógica do conceito e procuramos desdobrar a estrutura categorial de universalidade, particularidade e singularidade na abordagem silogística do capital organizado nas determinações de capital produtivo, capital financeiro e capital mercantil. Nesta lógica, a totalidade do capital na tridimensionalidade das suas determinações forma um silogismo completo no qual todas estas modalidades circulam na condição de começo, mediação e fim do movimento sistemático. Trata-se de um movimento de contradição implícito ao capital segundo o qual cada determinação se transforma nas outras e volta a si mesma a partir das outras.

O último livro de o *Capital* intitulado o *Processo Global de Produção Capitalista* é particularmente difícil e instigante. É muito difícil dizer com que parte da *Ciência da Lógica* este livro pode ser correlacionado, mas ali o modelo econômico capitalista é exposto criticamente em sua faceta mais cruel. Neste livro há uma radical divergência com a posição hegeliana. Não é possível aproximar a lógica da especulação financeira à concepção hegeliana de Ideia absoluta onde expõe a noção de estrutura, de método e de sistema. No caso da acepção hegeliana de Espírito absoluto, Hegel expõe a estrutura macrossistemática global da Religião e da Filosofia na inter-relacionalidade circular que integra a *Ciência da Lógica*, a *Filosofia da Natureza* e a *Filosofia do Espírito* num círculo de mediação sistemática. No final da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* os silogismos da Religião e da Filosofia atestam este dinamismo sistemático. Muito diferente é a noção marxiana de Espírito absoluto, pois aparece a absolutividade do capital financeiro especulativo em sua pureza absoluta de capital dinheiro que se valoriza a si mesmo e tudo dissolve incondicionalmente em seu interior. Os desequilíbrios econômicos, sociais e ecológicos em escala global são consequência desta absoluta incondicionalidade do capital dinheiro.

REFERÊNCIAS

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1993b. 2 b.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830)*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995a. 3 v.

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1999.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Dialética hoje: lógica, metafísica e historicidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARX, Karl. *O Capital*. Trad. de Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *O processo de circulação do capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 [MARX II].

_____. *O processo global de produção capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. [MARX III].

MARX, Karl. *O Capital*. O processo de produção do capital. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Editora Boi Tempo, 2013.

LIMA VAZ, HC. *ESCRITOS DE FILOSOFIA IV*. Introdução à Ética Filosófica. São Paulo: Loyola, 1999.